

Metafonía e inflexão vocálica na história do português. Breve comparação com algumas línguas ibero-românicas

Metaphony and vowel inflection in the history of Portuguese. A brief comparison with some other Iberian languages

Maria José Carvalho^{1.a} 

¹ CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, España

 mariac@fl.uc.pt

Recebido: 22/07/2022; Aceito: 25/02/2023

Resumo

Tendo em conta os testemunhos que foi possível obter na documentação notarial medieval de uma região centro-litoral portuguesa, tentar-se-á traçar a cronologia de alguns fenómenos de alteração do timbre das vogais tónicas do português (em particular da metafonía e da inflexão vocálica), cujas atestações se têm revelado escassas nos manuais de Fonética histórica, dicionários etimológicos e outro tipo de obras lexicográficas desta língua românica. A pesquisa baseou-se num *corpus* constituído por 153 documentos notariais autênticos, situados entre os séculos XIII e XVI, oriundos dos fundos do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (IAN-TT, Lisboa, 1.^a e 2.^a incorporações), por mim própria transcritos, de acordo com o respeito escrupuloso pelo manuscrito (Carvalho 2017). Assim, é propósito deste estudo fornecer alguns dados que ajudem a esclarecer por que motivo a metafonía e a inflexão vocálica não atingiram de igual modo os mesmos itens lexicais do português, do galego, do asturiano e do castelhano, ao longo do seu devir temporal. Para além de as cronologias nos poderem informar sobre o rumo e o ritmo da mudança, apontam, igualmente, para a importância da existência de um *continuum* na história das línguas ibero-românicas, acentuando a interdependência de fatores fonológicos, prosódicos, semântico-lexicais, contextuais e discursivos, no processo de difusão em causa.

Palavras-chave: conservadorismo e inovação linguística; Fonologia histórica; metafonía; inflexão vocálica.

Abstract

From the evidence provided by medieval notarial documentation from a coastal area of central Portugal, this article traces the chronology of some changes in the timbre of Portuguese tonic vowels (particularly metaphony and vowel inflection), which have rarely been mentioned in works on historical phonetics, in etymological dictionaries or in other lexicographic studies of this Romance language. This study is based on a corpus of 153 original notarial documents, dating from between the 13th and the 16th centuries, from the holdings of the Monastery of Santa Maria de Alcobaça (IAN-TT, Lisboa, 1.^a e 2.^a incorporações), which I have transcribed, paying scrupulous attention to the manuscript (Carvalho 2017). This study aims to provide some data to help clarify why metaphony and vowel inflection did not affect particular lexical items in the same way in Portuguese, Galician, Asturian and Castilian, throughout their development over time. On top of providing information about the direction and the rhythm of change, chronologies can also demonstrate a significant continuum in the history of Iberian-Romance languages, stressing the interdependence of phonological, prosodic, semantic, lexical, contextual and discursive factors in this process of diffusion.

Keywords: Linguistic conservatism and innovation; Historical phonology; Metaphony; Vowel inflection.

Sin conocimiento de la realidad lingüística, actual o histórica, las teorías revolucionarias no serán más que jaulas, mejor o peor construidas, pero sin pájaro (Alonso 1962: 21).

SUMÁRIO

1. Introdução: distinção conceptual, objetivos e metodologia.
2. Análise do *corpus*.
 - 2.1. Metafonia exercida por *-u* final.
 - 2.1.1. Metafonia exercida por /u/ final sobre a vogal tónica /e/ (< ĩ).
 - 2.1.2. Metafonia exercida por /u/ final sobre a vogal tónica /o/ (< õ).
 - 2.1.3. 2.1.3. Metafonia exercida por /i/ final sobre /o/ (< ũ).
 - 2.2. Inflexão vocálica.
 - 2.2.1. Exercida por semivogal [j] de ditongo decrescente secundário.
 - 2.2.2. Exercida por semivogal [j] sobre a vogal tónica de uma sequência vocálica.
 - 2.2.3. Exercida por vogal anterior da sílaba postónica em palavras proparoxítonas.
 - 2.2.4. Exercida por grupo consonântico heterossilábico /ŋg/.
 - 2.2.5. Exercida por consoante nasal homossilábica.
 - 2.2.6. Exercida por consoante nasal heterossilábica: o caso de *teftemõio* / *teftemonho* > *teftemujo* / *teftemunho*.
3. Resultados e discussão.
 - 3.1. A metafonia e a inflexão vocálica em contexto ibérico.
 - 3.2. Pistas para futuras investigações.

CONTENTS

1. Introduction: conceptual distinctions, aims and methodology.
2. Analysis of the corpus.
 - 2.1. Metaphony triggered by final -u.
 - 2.1.1. Metaphony triggered by final -u on the tonic vowel /e/ (< ĩ).
 - 2.1.2. Metaphony triggered by final -u on the tonic vowel /o/ (< ō).
 - 2.1.3. Metaphony triggered by final /i/ on /o/ (< ũ).
 - 2.2. Vowel inflection.
 - 2.2.1. Triggered by semivowel [j] of falling secondary diphthong.
 - 2.2.2. Triggered by semivowel [j] on the tonic vowel of a vocalic sequence.
 - 2.2.3. Triggered by front high vowel of post-tonic syllable in proparoxytone words.
 - 2.2.4. Triggered by heterosyllabic consonant group /ŋg/.
 - 2.2.5. Triggered by homosyllabic nasal consonant.
 - 2.2.6. Triggered by heterosyllabic consonant: the case of *testemõio* / *testemonho* > *testemujo* / *testemunho*.
3. Results and discussion.
 - 3.1. Metaphony and vowel inflection in the Iberian context.
 - 3.2. Paths for future research.

1. INTRODUÇÃO: DISTINÇÃO CONCEPTUAL, OBJETIVOS E METODOLOGIA¹

Do ponto de vista conceptual, e baseando-nos na metafonia especificamente (galego)-portuguesa, distinguir-se-á, neste artigo, metafonia de inflexão vocálica (Alonso 1962: 109 e 111-112; Ariza Viguera 1989: 184): encara-se a metafonia como um fenómeno histórico que consiste na alteração do timbre da vogal da sílaba tónica por influência da vogal final (*a*, no caso de abertura; *-u* e *-i*, no caso de fechamento)². Tendo em conta que nos textos em prosa apenas é possível estudar os casos em que existem manifestações gráficas do

¹ Um desenvolvimento deste parágrafo encontra-se publicado como *Resumo* em Carvalho (2022: 26-27).

² A metafonia é, portanto, um fenómeno de assimilação regressiva (a distância), total ou parcial (Cavacas 1921: 89). Como refere Joseph Piel (1944: 7), inflexão e metafonia, tendo um carácter assimilatório, andam muitas vezes associadas. Para Ralph Penny (2009: 115-117), a metafonia é um fenómeno de harmonização exercido por vogal final, enquanto que Barbato (2019: 5) considera metafonia o mesmo que inflexão: “al efecto (diftongación o cierre) sobre la vocal tónica de un sonido siguiente (en este caso, yod)”. Segundo Almeida Cavacas (1921: 95), “de todas as línguas românicas o italiano, ou mais rigorosamente a região da Itália central é a menos acessível à influência metafónica”. Em contrapartida, “a língua portuguesa é das línguas românicas aquela, em que a metafonia é mais abundante, por um lado pela nitidez com que ela conserva o timbre das vogais fechadas e das vogais abertas, por outro lado, porque as outras línguas tiveram a contrariá-la o fenómeno da ditongação” (Cavacas 1921: 95). Em português, a metafonia, para além do fechamento, também pode ter conduzido à abertura do timbre das vogais, embora seja de difícil atestação, até porque a vogal final /a/, nesta língua, nunca foi suficientemente aberta para tornar a metafonia muito produtiva. Atente-se nas definições dadas por Ariza Viguera (1989: 184): “Inflexión: Cierre de una vocal provocada por un elemento palatal o velar muy cerrado (yod o wau)”; “Metafonía: Cierre de una vocal producida por el influjo de una vocal final cerrada”.

fechamento da vogal, centrar-me-ei na metafonia pronominal exercida por *-u* (especificamente portuguesa, no quadro das línguas românicas) e na metafonia verbal por *-i* final³. Reservarei a designação de “inflexão vocálica” para os fenómenos de fechamento da vogal tónica, podendo este ser exercido por um qualquer elemento fónico em contiguidade imediata ou não com aquela vogal.

Segundo Álvarez Blanco (1988: 156), e no que concerne a metafonia, “a orixe dessa mutación no timbre da vogal tónica debe buscarse no dominio da fonética e non no da morfoloxía”. Por outro lado, para Sánchez Miret (2013: 332) “la metafonia es un fenómeno que ofrece múltiples aspectos de interés y el fonético ha quedado descuidado en los estudios diacrónicos”. Sabemos, de facto, que o critério fonético só por si não basta: “uma palavra no estado actual da sua evolução pode realmente explicar-se por uma certa etimologia, e todavia pode ter atravessado fases, que são inexplicáveis por ela” (Cavacas 1921: 41). Assim, o objetivo deste estudo é fornecer mais pistas para tentar compreender:

- (i) por que motivo a metafonia e a inflexão vocálica não atingiram de igual modo os mesmos itens lexicais do português, do galego, do asturiano e do castelhano, ao longo do seu devir temporal⁴;
- (ii) a avaliação social da mudança no espaço galego-português, tendo em conta o elemento fónico que exerceu essa alteração;
- (iii) a relação entre o oral e o escrito nesse processo de difusão.

Como se sabe, são escassos os testemunhos documentais que possam lançar um pouco de luz sobre os fenómenos mencionados, ao longo da sua trajetória histórica, nos diferentes espaços ibero-românicos. Neste artigo, disponibilizam-se alguns dados cronológicos de textos portugueses medievais (organizados num *corpus*) que podem contribuir para esclarecer a complexidade das motivações e da direccionalidade da mudança, bem como o seu contexto fonológico, lexical e discursivo ao longo dos tempos.

2. ANÁLISE DO CORPUS

O *corpus* que serviu de base a esta pesquisa é constituído por 153 documentos notariais autênticos, situados entre os séculos XIII e XVI, oriundos dos fundos do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (IAN-TT, Lisboa, 1.^a e 2.^a incorporações), por mim própria transcritos, de acordo com o respeito escrupuloso pelo manuscrito: são oito os documentos localizados no século XIII, cinquenta e oito no século XIV, setenta no século XV e dezassete no século XVI (Carvalho 2017)⁵.

³ Ao longo deste artigo, apenas me centrarei nas atestações encontradas no *corpus* que transcrevi, uma vez que é aquele cujos documentos e critérios de transcrição conheço melhor.

⁴ Ao realçar o esforço teórico de H. Lüdtke bem como a meritória recolha de materiais dialetais que realizou para o estudo deste aspeto da fonologia portuguesa, Dámaso Alonso não deixa de sublinhar a lacuna existente na teoria do jovem filólogo alemão, pelo facto de ter esquecido o galego: “Si los núcleos originarios del gallego y del castellano estaban en la época de la romanización en los mismos lugares en donde luego aparecerán en la Edad Media, se debía referir constantemente a Galicia, y claro está que para la teoría habría que haber tenido en cuenta el gallego” (1962: 15-16).

⁵ Os dados que serviram de base a este artigo encontram-se dispersos na minha tese de doutoramento (Carvalho 2006). Ao longo do artigo, a referência ao documento é feita pela mesma ordem com que aparece na referida tese bem como na edição de Carvalho (2017): data, sigla ou abreviatura do local de redação e número, dentro da coleção.

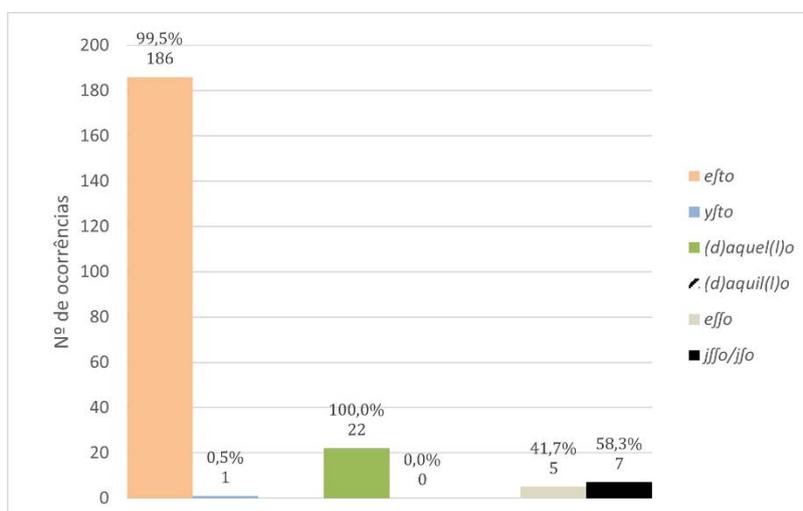
2.1. Metafonia exercida por *-u* final

Como já referimos, encaramos a metafonia exercida por /u/ (<o>) final⁶ como um fenómeno que consiste no fechamento do timbre da vogal da sílaba tónica por influência dessa vogal que, no caso do português, é fechada. Trata-se, por isso, de um fenómeno que individualiza o português no seio dos restantes idiomas ibero-românicos. De acordo com [Joseph Piel \(1942: 365\)](#), “de todos os aspectos do vocalismo histórico português, o mais interessante e que imprime um carácter inconfundível a esta língua é o da metafonia”. Já a exercida por /i/ final é partilhada com outras línguas hispânicas, nomeadamente o espanhol e o galego.

2.1.1. Metafonia exercida por /u/ final sobre a vogal tónica /e/ (< ĩ)

O fechamento do timbre da vogal /e/ (< ĩ) da sílaba tónica já se encontra documentado nos textos da primitiva área galego-portuguesa, nos finais do século XIII e primeiros anos do século XIV⁷, em todas as províncias, devendo-se à influência assimilatória de *u* final ([Maia 1997²: 416-418](#)). Também na nossa coleção, já desde o século XIII, mas sobretudo a partir do segundo quartel do século XV, registam-se nos documentos formas que em vez de *e* apresentam *y* e *j* em sílaba tónica. Referimo-nos a formas historicamente representativas dos pronomes demonstrativos neutros latinos (< ĭstŭ- e < ĭpsŭ-). No [Gráfico 1](#) apresentam-se, em valores absolutos e em percentagens relativas, as formas encontradas em toda a coleção documental⁸.

Gráfico 1. Percentagem relativa e número de ocorrências de formas metafónicas, na série de demonstrativos invariáveis



⁶ De acordo com Ralph Penny, que também entende a metafonia em espaço ibérico com a formulação conceptual apresentada, trata-se da forma mais desenvolvida de harmonização vocálica, na Península Ibérica ([Penny 2009: 114](#)).

⁷ Nas *Cantigas de Santa Maria* ([Mettmann 1972: vol. IV, s. u. isto](#)) foram encontradas duas formas revelando metafonia (*isto*) e 19 formas sem fechamento de vogal tónica (*esto*).

⁸ Este fenómeno foi já aflorado em [Carvalho \(2015\)](#), ao tratar da origem de *-u* átono final. Nessa altura, não foram contextualizadas as ocorrências nem foi feito o cômputo global das percentagens, tendo em conta toda a coleção documental.

Da análise do gráfico depreende-se que não foi igual a incidência da metafonía em toda a série pronominal em apreço, sendo aparentemente residual a ocorrência registada do demonstrativo deítico *yfto*. Uma análise detalhada dos contextos em que figuram as formas desta série pronominal poderá, no entanto, projetar luz sobre a relativa escassez de testemunhos. Vejamos, na [Tabela 1](#), os contextos das formas inovadoras nos documentos em que ocorrem.

Tabela 1. Contextos de ocorrência das formas metafónicas inovadoras no sistema de demonstrativos

DOCUMENTO	CONTEXTO
1291 Alc 2	“falu fe u�derdef deuedenof a dar o foro de fufo dicto, e <i>yfto</i> fe deue a fazer a b�a fe” (l. 10-11).
1444 Alv 100	“E <i>jffo medes</i> ffe deu por penhorado o dicto Afomfo Lourenço e Jfabell Fferrnandez, fua molher, que hi no prefente eftaua” (ls. 18-19).
1452 MA 106	“E <i>jffo mefmo</i> uos lançar fora delles por mall pagar e n� conprirdes todalas claufolas e condiçooes que em efto <i>contrauto fom</i> contiudas” (l. 36).
1465 MA 116	E que <i>jffo meefmo</i> uos pofamos mandar penhorar per noffos homees por os dictos dereitos fe os n� pagar des (ls. 20-21)
1479 MA 124	“E <i>jffo meesimo</i> que rreparem os moynhoos de moos, caaleo, rrodizioo, a�deoo, leuadao e de todallao outrao couffao que mefter ouuerem, (...) que elle, dicto Afomfo Ferrnandez e perfloao depoo elle, ao façam e rrefaçam e aleu�tem e <i>jffo meefmo</i> que laurem e arronpam e ffemeem e all queueem e efterquem ao dictao herdadeo de pam” (ls. 22 e 26).
1496 Sal 135	“e o dicto Joh� Afomfo, rreeo, dyfe que ele n� tijnha que fazer com <i>jfo</i> e que pojs ele, dicto <i>procurador</i> dos autores, pedia o dicto eftrom�to que eu, <i>tabalyam</i> , lho defe feg�do mo pedia” (ls. 36)
1532 Tur 149	“e per eles afj juntam�te foy dito que eles, c� c�fjntjm�to do pouo todo que a <i>jfo</i> foy chamado, v�der�m, e como de feyto tijnh�o v�djdo <i>Af�fo</i> Djaz (l. 17)

O que nos parece importante realçar   que a forma ducentista *yfto* surge numa carta partida por a b c, apesar de não se notarem nela as características externas de valida o anunciadas, como as letras do alfabeto (com os recortes dentados). Poderá, eventualmente, tratar-se de uma minuta (de um documento original, portanto), que terá ficado no arquivo do mosteiro e, eventualmente por isso, dispensaria o selo ou outras técnicas mecânicas de valida o. A margem direita é extremamente exígua, deixando adivinhar um corte feito muito junto do fim das linhas. Este aspeto poderá justificar a ausência de vestígios de quirografia, que não coloca em causa a autenticidade do documento. Do que parece não haver d vida   de um certo grau de descuido colocado na reda o, que deixa entrever de modo singular alguns traços da língua oral.

Segundo [Mariño Paz \(2017: 175\)](#):

sendo sen dúbida moi antiga a metafonía exercida en galego e mais en portugu s por /-u/ ou /-u/ átono final, as solucións mais estendidas nos estadios iniciais do período literario de ambos os romances son aquelas que non presentan elevación da vogal tónica. Por tanto, (*aqu*)isto, isso e *aquilo* semellan innovacións relativamente tard as que talvez obedecesen non a un impulso fonético, senón a un impulso puramente morfolóxico.

Sem questionar a legitimidade das considera es de Mariño Paz, e tendo em conta as observa es j  feitas sobre o documento 1291 Alc 2, parece-nos importante distinguir duas entidades diferentes: a língua em que eram escritos os documentos e a língua que se falava na época, sendo certo que nem todos os tabeliães mantinham o mesmo tipo de distanciamento perante o código a que obrigava a reda o dos documentos. Pensamos, portanto, que a forma

yfto, que surge no documento de 1291⁹ já corresponderia a uma forma linguística viva na zona Centro do país, mas a grafia tenderia a ocultar durante quase dois séculos o que era a realidade linguística. Quanto à forma *jffo*, que surge apenas em meados do século XV, também parece interessante salientar que se difundiu em contexto de retoma discursiva no conector deítico, de carácter anafórico, *jffo medes*¹⁰.

Como se sabe, a metafonia neste tipo de formas pronominais invariáveis, embora de lenta difusão ao longo da história da língua, foi aceite na norma culta portuguesa, tendo consequências na morfossintaxe, que são – como refere [Mariño Paz \(2017: 175\)](#) – as de proporcionar “unha mais nítida caracterización e diferenciación da serie invariable do paradigma dos demonstrativos”.

Ao apresentar quatro paradigmas para as variantes fonéticas dos demonstrativos no galego, [Fernández Rei \(1990: 70-73\)](#) sublinha que “o paradigma C, com hipercaracterización mórfica nas formas neutras (vocal radical *i* e terminación *-o*) rexístrase en dúas zonas sen continuidade xeográfica: o extremo nordeste da Coruña e o centro e sur de Pontevedra”. Por outro lado, refere que “o paradigma D presenta hipercaracterización mórfica nos tres xéneros, o mesmo cá lingua portuguesa (...). Este paradigma rexístrase nalgúns puntos do Baixo Miño (...) e nalgún do Condado, todos eles na raia con Portugal”.

No espanhol, como é sabido, não existem as formas metafónicas.

2.1.2. Metafonia exercida por /u/ final sobre a vogal tónica /o/ (< ō)

Um outro tipo de vogal que evidencia fechamento do timbre na sílaba tónica é a vogal posterior médio-fechada /o/ (< ō). Apenas nos é possível inferir a existência desse tipo de metafonia, já desde os finais do século XIV, em formas como *tudo*, historicamente proveniente de TŌTU- latino, uma vez que a metafonia por /u/ final se traduziu em mudança de grafema. São raríssimas as abonações encontradas¹¹, como se verifica no [Gráfico 2](#).

É interessante, novamente, salientar que a primeira ocorrência de *tudo* pode verificar-se num documento do século XIV (1375), mas já no final do texto, o que poderá revelar a consciência diafásica do tabelião. Vejamos os contextos de ocorrência, na [Tabela 2](#).

A forma *tudo* difundiu-se ao longo do século XV, tendo vindo a implantar-se na norma culta portuguesa, criando um valor novo na morfossintaxe pronominal do português, que é o surgimento de uma forma invariável aplicável à totalidade de objetos inanimados (O João comeu o bolo *todo* / O João ficou *todo* contente / *Todo* o homem é mortal ≠ O João comeu o *bolo*, as *bolachas*, o *iogurte*, o *pão* → O João comeu *tudo*). No asturiano, para além da variante

⁹ Este documento é um dos que apresenta de modo mais precoce um grande número de inovações linguísticas. Para além da forma *yfto* (resultante de metafonia), *eftemujo*, por exemplo, é também um item lexical onde se reflete a falta de cuidado do tabelião perante o distanciamento entre os dois códigos, oral e escrito.

¹⁰ Excepcionalmente, encontra-se na *Traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*: en “isso que dizes” (50.18). [Ramón Lorenzo \(1977: 598-599; s. u. isso\)](#) refere que se documenta desde o século XIV e vai-se impondo desde o século XV: D. Pedro de Portugal, 1431: “eu non foy homén diss’isso / hu m’ as promessas faziam” 15; *Orto do Esposo*, *jso*, 27.9; *Ofícios*, “e isso meesso o assesego do coração”, 57.7; *Imitação de Cristo*, “por isso” (p. 15.38), “por ysso” (p. 31.35, etc.); *Crónica de D. Pedro* de Fernão Lopes: “e isso meesso aos seus sogeitos” (p. 88.25); “e que isso meesso fora ja a elle trautado” (p. 150.81). Vemos, portanto, que, na maioria dos exemplos, estamos perante conectores discursivos de carácter anafórico.

¹¹ A resistência oferecida por esta vogal à mudança deve-se, certamente, à contiguidade de duas consoantes dentais.

todu (em Llanes) e do paradigma *todu / toda* (Teberga, Somiedu, Palacios del Sil, Allande, por exemplo), encontra-se na variedade da zona de Astúrias Central o paradigma *todu / toa / too* em variação com *tudu / toa / too* (expressão metafonética). Podemos, portanto, interrogar-nos sobre o motivo por que no galego e no espanhol as formas com metafonía não se estabeleceram, uma vez que o fenómeno era conhecido em vários focos da Península¹².

Gráfico 2. Percentagem relativa e número de ocorrências de formas metafónicas, nos quantificadores invariáveis

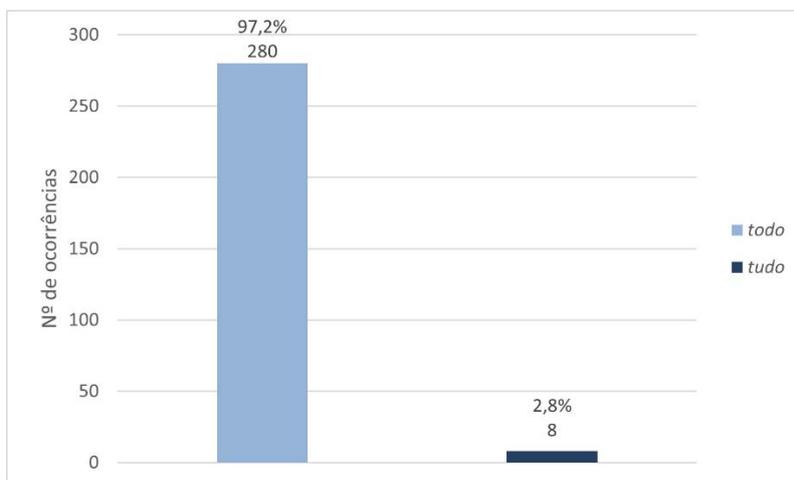


Tabela 2. Frequência dos quantificadores indefinidos que evidenciam a metafonía, por documento

DOCUMENTO	CONTEXTO	% NO DOC.
1375 MA 48	“Aqui cõ <i>tudo</i> tirado pã e uinho que he ao quarto e todas cofas que Deus der no dito cafal” [no final do documento]	17% ¹³
1489 MA 130	“que ffeja <i>tudo</i> bem adubado e aproveytado e melhorado” / “que <i>tudo</i> ha por arenũciado”	40%
1527 MA 146	“ <i>tudo</i> em moradas de cafas” / “o que <i>tudo</i> arredondaua em rrenda e jurdiçam de maior vafalos” / “o que <i>tudo</i> arredondaua em rrenda e jurdiçã de mais vafalos”	33%
1565 Alc 153	“de que <i>tudo</i> mã dey as ditas partes fizesem certo” / “que <i>tudo</i> foj jumto ao dito feito e as partes satisfizerã com sua proua no termo que lhe foy asinado”	29%

2.1.3. Metafonía exercida por /i/ final sobre /o/ (< Ū)

Iremos analisar um tipo de metafonía que o português partilha com outras línguas românicas, aquela que consiste no fechamento do timbre da vogal da sílaba tónica por influência de *i* final (< ĩ). Seleccionámos, para tal, a forma historicamente resultante de *fũĩ*, primeira pessoa do Pretérito perfeito do verbo SER¹⁴, e apresentamos, na Tabela 3, as ocorrências que revelam a ação metafónica de *i* final, registadas no corpus.

¹² Ramón Lorenzo (1977) não refere qualquer ocorrência de *tudo* no seu Glossário.

¹³ Embora se trate do final do documento, incluímos esta forma para efeitos estatísticos.

¹⁴ Quanto às formas historicamente resultantes de *fēcĩ* e *põsuĩ*, todas as ocorrências do corpus revelam o resultado da metafonía exercida por *i* final, a primeira documentando-se pela primeira vez em 1300, a segunda desde 1299. Não se encontra, por isso, qualquer tipo de variação.

Tabela 3. Dados cronológicos sobre a duplicidade da evolução *foi / fui*, 1.ª p. do singular do P.P (< FŪI)

DOCUMENTO	FORMAS SEM METAFONIA	DOCUMENTO	FORMAS COM METAFONIA
		1299 Alc 7	<i>fuy</i>
		1305 Alp 11	<i>ffuy</i>
		1307 Alp 13	<i>fuy</i>
1315 Alj 15	<i>foy</i>		
		1334 Alf 25	<i>fuy</i>
1336 Alj 26	<i>foy</i>		
		1338 Alv 28	<i>fuy</i>
1343 Cós 32	<i>ffoy</i>		
		1346 Tur 35	<i>fuy</i>
1355 Cel 40	<i>foj</i>		
1366 MA 46	<i>foj</i>	1366 MA 46	<i>fuj</i>
		1372 MA 47	<i>fuj</i>
		1385 MA 54	<i>ffuy</i>
1388 MA 57	<i>foy</i>		
1392 MA 60	<i>foy</i>		
1393 Alj 61	<i>foj</i>		
1405 MA 70	<i>foy</i>		
		1412 Ped 74	<i>fuy</i>
		1415 Ped 77, 2 v.	<i>fuy</i>
1416 MA 78	<i>foy</i>		
1422 MA 81	<i>foy</i> , 2 v.		
1425 MA 84	<i>foy</i>		
1429 MA 88	<i>foy</i>		
		1443 Alf 99	<i>fuy</i> , 2 v.
		1447 Alj 101	<i>ffuy</i>
1452 MA 106	<i>ffoy</i>		
1453 MA 107	<i>foy</i>		
1491 Alj 133	<i>foy</i>	1491 Alj 133	<i>ffuy</i>
		1515 SM 141	<i>fuy</i> , 2 v.
		1521 Ped 143	<i>fuy</i>

Saliente-se que (*f*)*fuy* aparece já no último ano do século XIII, mais cedo, aliás, do que *foy* (que se revela no documento 1315 Alj 15), o que parece diagnosticar uma tendência antiga para o fechamento desta vogal¹⁵.

O estado de indiferenciação quanto ao emprego de *fui* e *foi* para a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito pode observar-se até 1453 (para a terceira apenas se regista oscilação uma vez, em *fuy*, no doc. 1289 MA 1 e primeiro da coleção). A partir daí os contextos

¹⁵ É controversa a questão relativa à quantidade da vogal tónica, na língua latina. Sobre esse assunto, veja-se [Maia 1997²: 823-826](#).

deste tipo são escassos, mas pode constatar-se que em finais do século xv, *ffoy* era uma forma de primeira pessoa de Pretérito perfeito do verbo *ir*, usada por um tabelião de Aljubarrota: “me *ffoy* com elle a vylla de Porto de Moos”¹⁶ (1491 Alj 133), alternando, no mesmo documento, com “eu *ffuy* rrequerydo”, 1.ª pessoa do pretérito perfeito do verbo ESSE. Esta coexistência revela, de resto, que o supletivismo verbal não estava ainda completamente enraizado na consciência coletiva. No século xvi, as ocorrências deste *corpus* (embora raras, devido ao seu escopo cronológico) apresentam o vocalismo do português atual.

Os dados quanto à cronologia do fenómeno revelam-se interessantes e conduzem a constatar que, também na zona Centro-meridional portuguesa, os documentos evidenciam o estado de flutuação que se verificou na zona galego-portuguesa primitiva. Segundo [Clarinda Maia \(1997²: 820\)](#), “registaram-se apenas três exemplos da forma *foy* correspondentes à primeira pessoa em documentos da província do Minho, do século xiii ou dos primeiros anos do século xiv”, o que leva a autora a afirmar, relativamente à Galiza, que “*ao contrário do que acontecia a sul do Minho*, até bastante tarde continuou a consciência coletiva a tolerar essa confusão”¹⁷ (1997²: 826). De acordo com [Ramón Mariño Paz \(2017: 164, n. 106\)](#):

A especialización de *fui* (e *fun*) para a P1 e *foi* para a P3 só viria despois da inicial etapa de indiferenciación e obedecería a razóns de regularización que cobrarían vigor sobre todo a partir do momento en que a lingua foi comezando a ser un instrumento de comunicación supralocal.

É interessante registar que, segundo [Vasconcellos \(1987³: 116\)](#), em alguns dialetos nortenhos e mesmo no Centro de Portugal conserva-se ainda a flutuação entre *foi* e *fui*, para a primeira pessoa.

Por último, ainda no segundo quartel do século xiv registámos apenas uma vez a variante mais antiga da forma historicamente representante de ũbī: *ho* (1336 Alj 26), num documento de Aljubarrota, o que revela que a metáfora neste tipo de formas não se teria dado simultaneamente em todos os níveis sociogeográficos. A forma *hu* é, no entanto, cronologicamente anterior, ocorrendo 30 vezes ao longo do *corpus* face a três ocorrências da variante gráfica *u*, sendo que a última foi evidenciada em meados do século xv, num texto oriundo da zona mais periférica do couto (Alvorninha). Apresentamos as ocorrências na [Tabela 4](#).

Tabela 4. Variantes evolucionadas de ũbī latino, ao longo do corpus.

VARIANTE	DOCUMENTOS E CRONOLOGIAS
S	
<i>ho</i>	1336 Alj 26
<i>hu</i>	1306 Cós 12; 1321 Alc 17 (3 v.); 1324 Alc 18; 1332 Alc 24; 1342 Alf 30, 2 v.; 1352 Ped 38, 2 v.; 1366 MA 46; 1372 MA 47, 2 v.; 1377 Alv 50; 1396 Ped 62; 1403 MA 69, 2 v.; 1410 MA 73; 1413 MA 75; 1415 Ped 77, 2 v.; 1419 MA 79, 2 v.; 1450 Alv 104; 1452 MA 106, 2 v.; 1453 MA 107, 2 v.; 1465 MA 116; 1478 MA 122.
<i>u</i>	1343 AM 31, 2 v.; 1444 Alv 100

¹⁶ A forma do verbo *ir* é única no nosso *corpus*. Não possuímos dados que nos permitam esclarecer a questão do supletivismo verbal.

¹⁷ O itálico é da nossa responsabilidade.

2.2. Inflexão vocálica¹⁸

2.2.1. Exercida por semivogal [j] de ditongo decrescente secundário

Só excepcionalmente se encontra *moyto* (forma evolucionada de MŪLTU), num documento escrito na Aldeia do Mosteiro (1350 AM 36) redigido por “Ffernã Domjgiz, tabeliõ d’El Rey”, o que corresponde a 2%. Todas as restantes formas desta coleção (desde 1289) apresentam o resultado da inflexão da vogal da sílaba tónica¹⁹, exercida pela semivogal resultante da vocalização do primeiro elemento da sequência -LT-. Analisemos, na [Tabela 5](#), as ocorrências registadas.

Tabela 5. Formas historicamente resultantes de MŪLTŪ latino

DOCUMENTO	FORMA	DOCUMENTO	FORMA
		1289 MA 1	<i>muytos</i>
		1306 Cós 12	<i>muyto</i>
		1307 Alp 13	<i>muytos</i>
		1328 Alv 20	<i>muytos</i>
1350 AM 36	<i>moyto</i>		
		1388 MA 57	<i>muytos</i>
		1391 MA 59	<i>mujtos</i>
		1399 MA 65	<i>muytos</i>
		1402 MA 67	<i>mujto, 2 v.</i>
		1426 MA 85	<i>mujtos</i>
		1428 MA 87	<i>mujtos</i>
		1430 Cós 89	<i>mujto</i>
		1434 SC 91	<i>mujtos</i>
		1436 Alf 93	<i>muyto; mujtos; mujto</i>
		1438 Ped 95	<i>mujtos</i>
		1444 Alv 100	<i>mujtos</i>
		1448 Ped 102	<i>mujto</i>
		1451 MA 105	<i>mujto, 3 v.</i>
		1452 MA 106	<i>muyto</i>
		1455 MA 108	<i>mujto</i>
		1456 MA 109	<i>muyto</i>

¹⁸ Entende-se aqui por inflexão vocálica o fechamento do timbre da vogal da sílaba tónica por influência de um som que se encontra em contiguidade com ela.

¹⁹ Relembre-se que nos documentos publicados por Clarinda Maia ainda no século xv se registam formas como *moyto* e *moy*. No nosso *corpus*, algumas formas evidenciam o desenvolvimento de nasalidade sobre o ditongo, por influência da bilabial: *mūytas* (1440 MA 96) e *mūytos* (1440 MA 96 e 1443 Alf 99). Essas formas, quando apocopadas, deram origem a *mujn* (1437 Ped 94) e *muij* (1490 MA 131).

DOCUMENTO	FORMA	DOCUMENTO	FORMA
		1460 MA 113	<i>mujto</i> , 4 v.
		1462 Mai 114	<i>mujto</i>
		1467 Mai 117	<i>muyto</i> , <i>mujtoσ</i>
		1491 Alj 132	<i>mujtos</i> , 2 v.
		1491 Alj 133	<i>mujtos</i> , 2 v.; <i>mujto</i> , 2 v.
		1495 MA 134	<i>muyt[os]</i>
		1505 MA 138	<i>muytos</i> ; <i>muyto</i>
		1522 MA 144	<i>muyto</i>
		1526 Ped 145	<i>muyto</i>
		1527 MA 146	<i>muyto</i>
		1528 MA 147	<i>mujto</i>
		1565 Alc 153	<i>mujtas</i>

A [Tabela 5](#) mostra-nos uma única ocorrência da forma *moito*, sem inflexão vocálica, datada de um documento de 1350, escrito na Aldeia do Mosteiro. Hoje, como se sabe, a forma standard galega é *moito*, embora a forma *muito* (semelhante à portuguesa) tenha grande presença em algumas variedades diatópicas. De acordo com [Fernández Rei \(1990: 48 e 50\)](#), “poden distinguirse seis sistemas principais”, sendo que “o sistema A (só ditongo *oi*) é o da maioria dos falares galegos”. No asturiano e no castelhano, a forma atual é resultante da inflexão: *munchu/muitu* e *mucho*, respetivamente.

2.2.2. Exercida por semivogal [j] sobre a vogal tónica de uma sequência vocálica²⁰

Há uma situação em que se regista o fechamento da vogal nasal, inicialmente em contacto com a anterior média pretónica (/aN/ teve, assim, a realização [ẽ]). Referimo-nos à evolução: DE + Ĩ(N)ANTE > *deante* (arc.) > *diente*, cuja vogal tónica, a partir de meados do século xv, sofre um processo de assimilação progressiva motivada pela vogal anterior (tornada fechada), dando origem a formas idênticas às que ainda hoje permanecem vivas na linguagem popular (**diente*, pop.). Analisemos a evolução e a frequência de ocorrências na [Tabela 6](#).

²⁰ Uma vez que, do ponto de vista etimológico, a metafonía é definida como a “alteração duma vogal pela acção dum som, ou duma vogal, que está depois” ([Cavacas 1921: 91](#)), este exemplo poderá ser um dos que acentua a legitimidade de distinguir *metafonía* de *inflexão vocálica*, uma vez que o fechamento do timbre da vogal tónica, apenas registado a partir de meados do século xv, se poderá ter devido ao elemento vocálico que a precede e que só a partir dessa altura se tornou fechado. Embora não se tendo implementado na norma portuguesa, ainda era possível ouvir formas deste tipo em áreas da zona Centro do país, em pleno século xx (nomeadamente aquelas em que é comum o fenómeno inverso, ou seja, a troca da nasal [ẽ] por [ã], como no distrito de Aveiro).

Tabela 6. Variantes resultantes da evolução DE + Ĩ(N)ANTE > *deante* (arc.) > *diante* > * *diente* (pop.)

SÉCULO XIV		SÉCULO XV		SÉCULO XVI	
VARIANTE	LOCALIZAÇÃO	VARIANTE	LOCALIZAÇÃO	VARIANTE	LOCALIZAÇÃO
<i>adeāt[e]</i>	1315 Alj 15	<i>deant[e]</i>	1402 MA 67	<i>dyamte</i>	1502 MA 137
<i>adeant[e]</i>	1321 Alc 17	<i>adeant[e]</i>	1402 MA 68	<i>diäte</i>	1505 MA 138
<i>adeäte</i>	1328 Alv 20, 2 v.	<i>deant[e]</i>	1403 MA 69	<i>diēte; dyēte</i>	1519 MA 142
<i>adeant[e]</i> , 2 v.; <i>adeäte</i>	1330 Tur 23	<i>diante</i>	1405 MA 70	<i>djamte</i>	1521 Ped 143
<i>adeäte</i>	1332 Alc 24	<i>deant[e]</i>	1408 MA 71	<i>diante</i>	1522 MA 144
<i>adeant[e]</i> ; <i>adeäte</i>	1334 Alf 25	<i>diante</i>	1410 MA 73, 2 v.;	<i>diente</i>	1527 MA 146
<i>adeäte</i>	1336 Alj 26	<i>adeant[e]</i> , 2 v.	1416 MA 78	<i>diante</i>	1528 MA 147
<i>adeäte</i>	1338 Alv 28	<i>djante</i>	1419 MA 79	<i>diamte;</i> <i>djäte</i>	1529 MA 148
<i>adeäte; deäte</i> , 3 v.;	1346 SC 34	<i>deant[e]</i>	1421 Evo 80	<i>djätj</i>	1532 Tur 149
<i>adeäte</i>	1346 Tur 35	<i>diante</i>	1423 MA 83, 2v.	<i>dyemte</i>	1536 SC 150 ²¹ .
<i>adeant[e]</i> , 2 v.; <i>deante</i>	1350 AM 36	<i>deant[e]</i>	1425 MA 84	<i>dyamte</i>	1541 Sal 152
<i>adeant[e]</i>	1351 Alv 37	<i>adeante</i>	1426 MA 85		
<i>adeāt[e]</i>	1352 Ped 38	<i>diante</i>	1428 MA 87		
<i>deant[e]</i>	1356 MA 41	<i>adeant[e]</i> ; <i>deant[e]</i>	1429 MA 88		
<i>deant[e]</i>	1362 MA 43	<i>adeāt[e]</i>	1430 Cós 89		
<i>deant[e]</i>	1363 MA 45	<i>deant[e]</i> , 2 v.	1433 Ped 90		
<i>djant[e]</i>	1366 MA 46	<i>diäte</i>	1438 Ped 95, 2 v		
<i>adeant[e]</i>	1372 MA 47	<i>diämte</i>	1440 MA 96		
<i>deant[e]</i>	1380 Alv 52	<i>diamte</i>	1442 SM 97		
<i>adeant[e]</i>	1383 Alj 53, 2 v.	<i>djante</i>	1442 MA 98		
<i>diante</i>	1386 MA 55	<i>diante</i>	1444 Alv 100		
<i>deāt[e]</i>	1386 MA 56	<i>diäte</i>	1447 Alj 101		
<i>deant[e]</i>	1388 MA 57	<i>deant[e]</i>	1451 Alv 104		
<i>deant[e]</i> ; <i>adeant[e]</i>	1388 MA 58	<i>diante</i>	1452 MA 106, 3 v.		
<i>adeant[e]</i>	1391 MA 59	<i>diante; diäte; diente</i> (2 v.);	1453 MA 107		
<i>deant[e]</i>	1392 MA 60	<i>djante</i>	1455 MA 108		
<i>adeant[e]</i> , 2 v.	1396 Ped 62	<i>djante</i> , 3 v.	1456 MA 109		
<i>deāt[e]</i>	1397 MA 63	<i>diante</i>	1459 MA 110 e 1459 MA 111		
<i>deāt[e]</i>	1397 MA 64	<i>diante; adeante</i>	1460 MA 112		
<i>deant[e]</i>	1399 MA 65	<i>diante</i>	1465 MA 116, 3 v.;		
		<i>dyamt[e]</i> ; <i>adyät[e]</i>	<i>dyät[e]</i> ; 1467 Mai 117		
		<i>diante</i>	1471 MA 119		

²¹ No entanto, a vogal tónica da forma *entre* (< ĨTER) foi substituída, durante todo o período abrangido pelo nosso estudo, e eventualmente por dissimilação, por *antre*, contando-se 54 ocorrências ao longo do *corpus*. Em nenhum dos casos, estas alterações foram aceites pela norma culta do Português.

SÉCULO XIV		SÉCULO XV		SÉCULO XVI	
VARIANTE	LOCALIZAÇÃO	VARIANTE	LOCALIZAÇÃO	VARIANTE	LOCALIZAÇÃO
		<i>diante</i>	1477 MA 121, 2 v.;		
		<i>diante</i>	1478 MA 122, 2 v		
		<i>diante</i>	1478 MA 123		
		<i>diante</i>	1479 MA 124, 2 v		
		<i>diante</i>	1482 MA 125, 2 v		
		<i>diante</i>	1484 MA 126, 3 v		
		<i>diante</i>	1489 MA 130, 2 v.;		
		<i>diante</i>	1490 MA 131, 3 v.;		
		<i>diante</i>	1495 MA 134, 3 v		
		<i>diante</i>	1500 MA 136		
		<i>diāt[e]</i>	1505 MA 138		

Analisando a [tabela 6](#), podemos verificar que as formas do tipo **diente* ocupam 50% num documento de 1453, mas ocorrem já de modo exclusivo num documento do século XVI (1519: *diēte* e *dyēte*). Podemos interrogar-nos sobre os motivos por que esta alteração de timbre, que ocorreu tardiamente, não veio a estabelecer-se na norma culta portuguesa.

2.2.3. Exercida por vogal anterior da sílaba postónica em palavras proparoxítonas

Como veremos a seguir, no representante histórico de LEGĪŤĪMU-/-OS, a inflexão vocálica verifica-se já desde o 2.º quartel do século XIV e no de DĒBĪTA-/-S, a partir do século XV. Em ambos os casos, não se encontram, ao longo do *corpus*, as variantes com /e/ na sílaba tónica. Apresentam-se a seguir os exemplos recolhidos:

Representante histórico de LEGĪŤĪMU-/-OS:

lydemos (1328 Alj 21, 2 v.), *lijdemo* (1379 Alc 51) e *líjdemo* ²² (1379 Alc 51)

Representante histórico de DĒBĪTA-/-S:

diujdas (1379 Alc 51; 1402 MA 67), *dyujdas* (1383 Alj 53), *dúida* (1412 Ped 74), *dúyda* (1412 Ped 74), *diuyda* (1412 Ped 74, 4 v.), *díujda* (1430 Cós 89), *djujda* (1444 Alv 100, 2 v.), *djujdas* (1444 Alv 100) e *diujda* (1451 MA 105).

Tais dados estão, aliás, em consonância com a tendência registada nos documentos portugueses da área galego-portuguesa, editados por [Clarinda Maia \(1997²: 514\)](#):

É interessante observar a coexistência das formas com e sem inflexão, não só no período mais antigo, mas ainda durante os séculos XIV e XV. Os documentos da região de Entre-Douro-e-Minho oferecem apenas as formas mais modernas com *i* na sílaba tónica.

²² A vogal postónica, inicialmente *i*, transformou-se em *e*, por dissimilação.

Já nas fontes galegas medievais falta a “fixación dunha solución estable para as bases DĚBĪTU e DĚBĪTA (...). A preferêncía polas formas com /'e/ talvez haxa que atribuíla á atracción exercida polo verbo *deuer*” (Mariño Paz 2017: 178). Como sabemos, a forma galega actual é *débeda* e a espanhola é *deuda*, em ambos os casos não se tendo verificado o fechamento da vogal tónica.

Tabela 7. Variantes etimológicas e inflexionadas historicamente representantes de DŮBĪTA

DOCUMENTO	FORMA	DOCUMENTO	FORMA
1289 MA 1	<i>douida</i>		
		1304 Alc 9	<i>duuida</i>
1305 Alp 11	<i>douida</i>		
1306 Cós 12	<i>douida</i>		
		1375 MA 49	<i>duuyda</i>
		1391 MA 59	<i>duujda</i>
		1416 MA 78	<i>duujda</i>
		1435 Alj 92	<i>duujda</i> , 2 v.
		1442 MA 98	<i>duujda</i>
		1448 Alj 103	<i>duujda</i>
		1451 MA 105	<i>duujda</i>
		1509 Ped 140	<i>duujda</i>
		1521 Ped 143	<i>duujda</i>
		1565 Alc 153	<i>duujda</i> , 2 v.

Um outro caso em que se verifica a elevação da vogal tónica devido a inflexão vocálica por ação de /i/ da sílaba postónica diz respeito à forma historicamente representante de DŮBĪTA. Analisemos as formas encontradas, tal como apresentadas na Tabela 7.

Os exemplos de que dispomos apresentam o resultado da inflexão, já desde os primeiros anos do século XIV: *duuida* (1304 Alc 9) é relativamente coeva de *douida* (1289 MA 1; 1305 Alp 11; 1306 Cós 12). Sabemos, também, que todos os exemplos registados nos textos a partir de 1375 apresentam a vogal *u*. Atualmente, quer o galego quer o asturiano e o castelhano apresentam igualmente o resultado do fechamento da vogal²³.

²³ No asturiano medieval (séc. XIII) a forma inflexionada já se encontra documentada. García Arias (2003: 265) refere *dolda* (SP a. 1266) e *dulda* (SP a. 1293). O *Corpus del Diccionario histórico de la lengua española* apresenta, no entanto, a oscilação *douda* ~ *dúvida* no início do século XVII (1606-1611 MÉNDEZ NIETO, Juan, *Discursos medicinales* [España] [Gregorio del Ser Quijano/Luis E. Rodríguez San-Pedro, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1989] — “Ora el quer fazer *douda* a Vuesa Merced e não ahy *dúvida* niso” (RAE 2013 s. u. *dúvida*).

Tabela 8. Variantes etimológicas e inflexionadas historicamente resultantes de DĚĆĪMA-, DĚĆĪMU- e DĚĆĪMAS

DOCUMENTO	FORMAS	DOCUMENTO	FORMAS
1338 Alv 28	<i>dezima; dezimas, dezimo, 2v.</i>		
		1379 Alc 51	<i>dizim[os]</i>
1425 MA 84	<i>dezema</i>	1425 MA 84	<i>dizymos; dizymas</i>
		1426 MA 85	<i>dizimo</i>
		1430 Cós 89	<i>Djzjmas, top., 2 v.</i>
		1442 SM 97	<i>dizima, 6 v.</i>
		1459 MA 110	<i>dfzimo; dízimo</i>
		1460 MA 112	<i>dizimo, 2 v.; dízimo, 2 v.</i>
		1462 Mai 114	<i>Dízimoσ</i>
		1465 MA 116	<i>dizimo</i>
		1485 MA 128	<i>dizimo; dízimo</i>
		1491 Alj 132	<i>djzjmos</i>
		1500 MA 136	<i>dizimo</i>
		1529 MA 148	<i>dizymo; dyzimo</i>

Consideremos agora as formas proparoxítonas com /e/ na sílaba tónica e /i/ na postónica, historicamente resultantes de DĚĆĪMA-, DĚĆĪMU- e DĚĆĪMAS, respectivamente: *dezima*, *dezimo*, 2 v., e *dezimas*, todas elas presentes no mesmo documento (1338 Alv 28). É fácil admitir que, nesta fase da evolução da língua portuguesa (2.º quartel do século XIV), o timbre da vogal da sílaba tónica fosse ainda aberto, ou seja, que ainda não se tivesse operado a inflexão exercida por *i* postónico. No entanto, a forma *dezema*, que surge num documento de 1425 paralelamente a *dizymas* e *dizymos* (1425 MA 84) parece provar que a inflexão de *i* postónico já se teria exercido, pelo menos para uma fase intermédia, com [e] na sílaba tónica, pois não parece provável que o mesmo tabelião usasse no mesmo documento uma forma com timbre aberto e outras duas com fechamento em dois graus. Por outro lado, a presença de *e* (e não *i*, conforme o étimo) na sílaba postónica só pode explicar-se por assimilação (verificada posteriormente) exercida pela vogal da sílaba tónica. Vejamos os exemplos referidos, na [Tabela 8](#).

Mais uma vez, o 1.º quartel do século XV é um marco de periodização importante, à semelhança do que acontece com inúmeros outros fenómenos considerados balizadores do período arcaico, pelo que este tipo de inflexão poderá acrescentar-se aos fenómenos de natureza fonético-fonológica cujo trajeto temporal já traçámos anteriormente ([Carvalho 2019](#)). Formas que apresentam inflexão encontram-se abundantemente representadas em textos do galego medieval, tal como confirmado por [Mariño Paz \(2017: 178\)](#). Ao referir-se aos documentos editados e estudados por Maia, o autor sublinha:

as maioritarias formas con /i/ comparecen nos textos provenientes da zona centro-meridional galega correspondente ás actuais provincias de Pontevedra e Ourense e á metade meridional de Lugo, así como tamén nos producidos na colindante zona noroccidental portuguesa, en que están completamente ausentes as solucións escritas con <e> Para ela, os notarios portugueses, compelidos a utilizar unha variedade lingüística oficial relativamente constituída xa no período tardomedieval, optarían decididamente polas formas xa canónicas ou semicanónicas con /i/, mentres que os galegos, carentes dunha variedade prestixiosa análoga que as circunstancias históricas da época facían inviable, daríanlles maior cabida ás solucións con /'ε/ ou con /'e/ (grafadas con <e>) e, en definitiva, configurarían unha situación en que habería máis lugar para a variación na lingua escrita ([2017: 178-179](#))

A foma inflexionada não se manteve na língua standard galega, que apresenta hoje a forma *décimo*, e a forma do espanhol evidencia o resultado da ditongação: *diezmo*.

Tabela 9. Alternância *adobio* ~ *adubio* (< ADŮBĪŮ), ao longo do *corpus*

DOCUMENTO	FORMAS SEM INFLEXÃO	DOCUMENTO	FORMAS INFLEXIONADAS
		1375 MA 48	<i>adubio</i> , 2 v.
1383 Alj 53	<i>adobjo</i>		
		1391 MA 59	<i>adubío</i>
		1397 MA 64	<i>adubios</i>
		1399 MA 66	<i>adubios</i>
		1408 MA 71	<i>adubio</i> ; <i>adubios</i>
1409 MA 72	<i>adobios</i>		
		1410 MA 73	<i>adubios</i>
1413 MA 75	<i>adobios</i>		
		1428 MA 87	<i>adubios</i>
1429 MA 88	<i>adobjos</i>	1429 MA 88	<i>adubjos</i>
1452 MA 106	<i>adobyos</i>	1452 MA 106	<i>adubios</i> ; <i>adubyos</i>
		1453 MA 107	<i>adubífo</i> <i>adubjos</i>
1459 MA 110	<i>adobífoσ</i>		
1459 MA 111	<i>adobios</i>		
1460 MA 112	<i>adobios</i> , 2 v.		
		1489 MA 130	<i>adubios</i>
1500 MA 136	<i>adobio</i>		
1519 MA 142	<i>adobyos</i> , <i>adobyos</i>		

A partir do terceiro quartel do século XIV, formas como *adobio(s)*, *adobjos*, *adobyos*, *adobífoσ* (< ADŮBĪŮ) ('reparações de casas, adornos') alternam com *adubio(s)*, *adubjos*, *adubyo(s)* e *adubífo*, o que atesta a inflexão vocálica exercida pela semivogal da sílaba postónica: a partir de 1375 contam-se 15 formas com *u* tónico e 12 formas com *o*, registando-se, por vezes, essa flutuação no mesmo documento: *adobjos/adubjos* (1429 MA 88) e *adobyos/adubyos* (1452 MA 106). Vejamos os dados recolhidos na [Tabela 9](#).

Da análise da [tabela 9](#), pode depreender-se que não existe, durante o período cronológico em apreço, uma fronteira cronológica entre ambas as variantes de modo a que seja possível assinalar uma verdadeira mudança. Esta evidência ajuda a explicar a variação ainda existente bem como os diferentes matizes semânticos que se podem registar atualmente, nas línguas ibero-românicas. De facto, apesar de existir *adubío* na língua standard galega ('adereço, adorno'), o *Dicionario da Real Academia Galega* ([González González s.d.: s.u.](#)) também apresenta *adobo*, com diferentes significados: 1. 'Conxunto de condimentos que se lle bota á carne ou a outros alimentos para conservalos e darlles sabor' (com este significado, existe em variação com *adubo*); 2. 'Preparado que se utiliza para curtir peles'; 3. 'Esterco ou fertilizante para a terra' e 4. (figurado) 'Adorno ou afeite'. Por outro lado, o *Tesouro Informatizado da Língua Galega* (TILG) oferece abonações para as quatro variantes (com e sem inflexão, com e sem semivogal) em textos do século XXI: "atracado no peirao, sen pintar, coa ferruxe por *adubío*" (Xavier Paz, *Follas de bacalhau*. Vigo: Xerais, 2005); também de 2005 é a variante

adobío: “O cura paparás+as todas ou darás+lles destino afastado, pois o que é alí, non se ve *adobío* de importancia e valor coma noutros santuarios de semellante devoción” (Puentes, *Aguillóns*, 2005). As variantes com síncope de semivogal anterior encontram-se igualmente em textos recentes: “Non esquezan que requíren *adobo*, que son carnes con bravío. Eu prefiro+as guisadas com patacas brancas e pementos” (Fausto Galdo, *Abecedario das mantenzas*. Vigo: Xerais, 2012); na obra do mesmo autor, ocorre a variante com inflexão: “En Europa atopamos un *adubo* de herbas en case todas as receitas de carne ou peixe como o tomiño, o fúncho, [...]” (Idem, *ibidem*). O item cognato *adobar* também existe em galego, tal como no castelhano (Llorca Freire, *Ferrol*, 2008): “[...] churrascos de carne de vaca, sen *adobar* e sen tempo de repouso para desanguentar” (Santamarina et al. 2018-2020, s.u. *adubío, adobío, adobo, adubo, adobar*), e no *Dicionario da Real Academia Galega* também se encontra *adubar* (como no português): “*Adubar* o peixe” (González González, s.d., s.u. *adubar*).

No português, apenas existe a variante com inflexão (*adubo*), que tanto pode significar ‘Ingrediente que se deita nos alimentos para os tornar mais agradáveis’ (cravo, canela, pimenta) como ‘Fertilizante químico para a terra’. Assim, a forma foi sujeita a inflexão vocálica, tendo depois desaparecido o elemento que a provocou. A variante medieval *adobio* permanece hoje, todavia, na forma não inflexionada *adobe* (com mudança de -o final para -e), eventualmente com o mesmo significado que outrora: ‘espécie de terra de que se fazem rebocos, tijolos’; ‘espécie de tijolo grande feito desse material e cozido ao sol’ (Silva 1992: s. u. *adubo e adobe*).

O *Corpus del Dicionario histórico de la lengua española* (DHLE) apresenta 11 casos de *adobio* em 10 documentos cronologicamente situados entre 1275 e 1916. A última ocorrência de *adobio* data, precisamente, do início do século XX: “Era el *adobio* consiguiente de los batidos” (1916); a variante *adobo*, já sem semivogal, encontra-se fortemente representada entre 1140 e 1999: 816 casos em 280 documentos. No *Curso de cocina profesional*, 2 (de Manuel Garcés), pode ler-se: “inmersión en el *adobo* del pescado listo para freír” (1999-2000); também a forma *adobar* existe no âmbito da culinária, numa obra peruana do último ano do século XX: “porque ella decía que cortar y *adobar* el becerro da mucho trabajo” (*La Fiesta del chivo*, de Mario Vargas Llosa, 2000). De *adobar* contam-se 899 casos em 367 documentos cronologicamente situados entre 1140 e 2000. Uma palavra cognata é *adobero*, que surge em textos do Perú do século XX: “No podréis concebir un burro *adobero* zampándose una barrica de vino” (1908) e “El *adobero*, curvado sobre la planicie apisonada de la plaza, hacia su oficio con solicitud” (1941) (RAE 2013: s. u. *adobo, adobar e adobero*).

2.2.4. Exercida por grupo consonântico heterossilábico /ŋg/

Houve palavras que sofreram a ação exercida pelo grupo consonântico heterossilábico /ŋg/²⁴, tendo tido uma duplicidade de tratamento, sobretudo nas fontes galegas. Referimo-nos às formas representantes históricas de MĪNUET e MĪNUA: “En todo caso, *mingua* (xunto a *minguar* e *mingar*, coa vogal inicial en posición átona) prevalece claramente sobre *mengua* (e *menguar*, *mengar*) nos textos dos séculos XIII e XIV e tamén, ainda que com menos diferenza, nos do XV” (Mariño Paz 2017: 192). Diferente se apresenta a situação dos documentos centro-meridionais em análise, que mostram o timbre conservado da vogal apenas no terceiro quartel do século XIV, como se pode verificar na [Tabela 10](#).

²⁴ Do mesmo modo, a presença do grupo consonântico /ŋk/ exerceu fechamento sobre a vogal tónica /e/ (< Ĩ), na forma historicamente resultante de propinquu: P[RO]UÍCOS, 1306 Cós 12, l. 12, embora esta forma não tenha tido evolução na língua portuguesa.

Tabela 10. Variantes etimológicas e inflexionadas, historicamente resultantes de MĪNUET e MĪNUA

DOCUMENTOS	FORMAS SEM INFLEXÃO (< MĪNUET; MĪNUA)	DOCUMENTOS	FORMAS COM INFLEXÃO
		1297 Alc 5	<i>mīguada</i>
		1345 MA 33	<i>mīgue; mīgua</i>
1350 AM 36	<i>mēga</i>		
1356 MA 41	<i>mēgue; mēgua</i>		
1359 MA 42	<i>mēgue; mēgua</i>		
1362 MA 43	<i>mēgue; mēgua</i>		
1362 MA 44	<i>mēgue</i> (2 v.); <i>mēgua</i> (2 v.)		
1363 MA 45	<i>mēgue; mēgua</i>		
		1375 MA 48	<i>mīgue; mīgua</i> (2 v.)
		1388 MA 58	<i>mīgua</i> , 2 v.
		1397 MA 63	<i>mỹguar</i>
		1399 MA 66	<i>mỹguar</i>
		1403 MA 69	<i>mĵngue; mĵngua</i>
		1405 MA 70	<i>mĵgua</i>
		1410 MA 73	<i>mīgue; mīga</i>
		1423 MA 83	<i>mĵgua</i>
		1450 Alv 104	<i>mỹgua</i>
		1453 MA 107	<i>mỹgua; mỹguar</i>
		1479 MA 124	<i>mĵgua</i>
		1519 MA 142	<i>mỹgoa</i>

Em termos cronológicos, podemos concluir que o último quartel do século XIV revela-se, uma vez mais, extremamente importante para efeitos de periodização²⁵. A divergência de evolução entre o português e o galego parece, assim, ter começado a produzir-se a partir do século XIV. Como é sabido, atualmente a forma do standard galega é *mingua*, mas existe também *mengua* em algumas variedades, à semelhança, aliás, do que acontece com o castelhano normativo. Encontram-se ambas atestadas em textos do início do século XXI, de acordo com dados do TILG. Leia-se, a título de exemplo: “Un pastor de cabras, vendo que no cabo de febreiro o seu rabaño sobrevivira cáseque sen *mengua* ningunha, prorrompeu, con xúbito incontido, a proclamar ós catro aires a súa lelicia” (Poncelas: *Contos*, 2004); “a máis importante e a única que perdura na actualidade como mercado gandeiro pese a grande *mingua* que sufriu nas últimas décadas” (Parada, *Courel*: 2007) (Santamarina et al. 2018-2020, s. u: *mingua, mengua*).

O *Corpus del Diccionario histórico de la lengua española* (DHLE) apresenta 259 casos de *mingua* em 60 documentos; para *mengua*, são 5968 ocorrências em 1586 documentos. A última ocorrência de *mingua* data de 1450: “por la qual señal es mostrado que la postrimera vocal *mingua* en la palabra” [ANÓNIMO, *Las Etimologías romanceadas de San Isidoro* [Espana] [Joaquín González Cuenca, Salamanca, Universidad de Salamanca-CSIC-Institución Fray Bernardino de Sahagún-Diputación provincial de León, 1983]. Já no século XIII, todavia, se formaram no castelhano palavras derivadas de *mingua*, como *minguante* e *minguamiento*: “&

²⁵ Relativamente a marcos de periodização, veja-se a proposta de Carvalho (2019).

quando fuer stacionario. o *minguante* tuelle de sos annos mayores a cada dia de su estacionaridat o de su *minguamiento*” [1254-1260 ANÓNIMO, *Judizios de las estrellas* [España] [Pedro Sánchez Prieto, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá de Henares, 2003] (RAE 2013, s. u. *mingua, mengua, minguante, minguamiento*).

2.2.5. Exercida por consoante nasal homossilábica

A vogal anterior média tendeu a fechar-se quando entravada por nasal, encontrando-se, exceccionalmente, grafada com *jn* ou *ñ* em documentos de princípios do século XIV, em formas como: *oucijn̄te* (< OCCIDENTE) ‘ocidente’ (1304 Alc 10) e *ourijn̄te* (< ORIENTE), ‘oriente’ (1300 Alj 8). Este fenómeno verificou-se também na região galega primitiva: “Cando a vogal /'ε/ se encontraba orixinariamente entre dúas consoantes nasais homosilábicas a inflexión puído ser incluso de dous graos, como mostran os casos de ADUĚNĚNTĪA > *auin̄ça* (...); PERTĪNĚNTĪAS > *pertijn̄cas* (...)” (Mariño Paz 2017: 186)

É igualmente um caso de inflexão vocálica exercida por nasal homossilábica que se verifica na forma *mũge* (< MŮNĚCU-), “chegado aos romances ibéricos a través do occitano antigo e provavelmente na boca dos monxes de Cluny” (Mariño Paz 2017: 187): 1289 MA 1; 1298 Alc 6; 1352 Ped 38, 2 v., embora também não tenha tido vitalidade para além do século XIV. A dupla inflexão de *munge* verificou-se estando a primitiva vogal tónica /ɔ/ entre duas consoantes nasais homossilábicas (Mariño Paz 2017: 187). Contrastando com a precocidade da inflexão vocálica nas formas acima enunciadas, as formas tardias *provencya* (1505 MA 138, 2 v.), *provençya* (1505 MA 138, 7 v.), *provēfyā* (1505 MA 138) e *prověçya* (1505 MA 138, 2 v.), todas registadas no mesmo documento, não dão indícios de terem cedido à influência contextual (da nasal homossilábica e/ou simultaneamente de semivogal /j/ da sílaba postónica), durante o período medieval.

Um outro fenómeno de inflexão exercida por nasal homossilábica revela igualmente o documento 1453 MA 107, onde se regista *afundo* (AD + FŮNDU-), apesar de a variante mais comum neste *corpus* se apresentar com *o*: *afondo* (1315 Alj 15; 1490 MA 131) e *affondo* (1500 MA 136), como se pode verificar na Tabela 11.

Tabela 11. Variantes etimológicas e inflexionadas historicamente resultantes de AD + FŮNDU

DOCUMENTOS	FORMAS	DOCUMENTOS	FORMAS
1315 Alj 15	<i>afondo</i>		
		1453 MA 107	<i>afundo</i>
1490 MA 131	<i>afondo</i>		
1500 MA 136	<i>affondo</i>		

No galego medieval, documenta-se maioritariamente *fondo* (Mariño Paz 2017: 120, nota 27), que é aquela que existe atualmente nessa língua e no espanhol (*fondo*, N.; *hondo*, ADJ.), enquanto que as formas portuguesas são *afundo* (ADV. ‘abaixo’, ant.) e *fundo* (N./ADJ e ADV), esta última, normativa. Uma pesquisa no *Corpus del Diccionario histórico de la lengua española (DHLE)*, leva a constatar que a inflexão também existiu nos textos castelhanos medievais: “sea condepnado en lo *fundo* de los infernos” (1244, *Documentos mudéjares*), encontrando-se abundantemente representada (com variadas aceções) em muitas obras da América latina. Numa novela chilena, por exemplo, aparece com a aceção de ‘pequena propriedade’: “Mi sueño es ser dueño de un *fundo*” (2003); numa obra venezuelana, como adjetivo

nominalizado: “No *fundo* do meu raciocínio há qualquer obstáculo intransponível” (*Tópicos de retórica feminina*, 1993). O mesmo acontece em palabras derivadas, como se pode ver no exemplo seguinte, onde surgen *fondo*, n. (forma etimolóxica) e *pro fundo*, adj. (con inflexión): “La calle era un cañon *profundo* y estrecho y desde su *fondo profundo* el vértigo tiraba de vosotros” (1951 Barea, Arturo, *La forja de un rebelde* [España] [Buenos Aires, Losada, 1958] Novela) (RAE 2013, s. u. *fundo, fondo, profundo*).

2.2.6. Exercida por consoante nasal heterosilábica: o caso de *teftemõio / teftemonho > teftemujo / teftemunho*

Atentemos agora numa forma con *o* na sílaba tónica, resultante da evolución histórica de /*Ō*/ . Iremos presentar, a título ilustrativo, formas historicamente representativas de TESTĪMŌNĪU. Como veremos adiante, em formas deste tipo pode ter havido dous tipos de tratamento: palatalización do grupo -*Ń*-, tendo a nasal palatal [ɲ] (heterosilábica) exercido inflexión vocálica sobre a vogal da sílaba tónica, ou síncope de nasal intervocálica, deixando por veces nasalidade na vogal precedente. Segundo Clarinda Maia (1997²: 518), “tanto a nasal palatal como a semivogal provocaram o fechamento da vogal da sílaba tónica que passou, em muitos casos, a *u*”. Apresentamos na Tabela 12 as formas non inflexionadas e inflexionadas (estas, em itálico), registadas nos dous tipos, ao longo dos séculos.

Tabela 12. Formas etimolóxicas e inflexionadas historicamente representativas de testimōniū, por séculos.

SÉC. XIII	SÉC. XIV	SÉC. XV	SÉC. XVI
<i>eftemujo</i> (1291 Alc 2);	<i>teftemunhas</i> (1304 Alc 10);	<i>teftemunhas</i> (1405 MA 70);	<i>teftemujho</i> (1519 MA 142);
<i>teftemũho</i> (1291 Alc 3);	1353 Vid 39; 1399 MA 65);	<i>teftemũho</i> (1408 MA 71);	1536 SC 150);
<i>teftemõio</i> (1297 Cós 4);	<i>teftemũyas</i> (1305 Alp 11);	<i>teftemunhao</i> (1467 Mai 117);	(1522 MA 144; 1527 MA 146);
<i>teftomõio</i> (1297 Alc 5);	<i>teftemũyo</i> (1305 Alp 11, 2 v.);	<i>teftemunho</i> (1405 MA 70);	<i>testemujnhas</i> (1536 SC 150)
<i>teftemõyo</i> (1298 Alc 6);	1307 Alp 13, 2 v.);	<i>teftemũyo</i> 1419 MA 79;	1440 MA 96;
<i>teftemũyo</i> (1299 Alc 7)	(1305 Alp 11, 2 v.);	<i>teftemõyo</i> 1443 Alf 99;	1452 MA 106;
	(1306 Cós 12);	<i>teftemõyo</i> 1453 MA 107;	1459 MA 110;
	(1313 Tur 14);	<i>teftimoyas</i> 1462 Mai 114;	1462 Alj 115, 2
	(1315 Alj 15);	<i>teftimoyo</i> v.;	1465 MA 116; 1467 Mai
	(1315 Alj 15);	<i>teftimõyo</i> 117;	1477 MA 121 e 1482 MA
	(1315 Alj 15, 2 v.;	1332 Alc 125);	<i>teftemujho</i> (1442 MA
	24);	<i>teftemonho</i> (1317 Alc 16;	98; 1448 Ped 102);
	1362 MA 44; 1363 MA 45);	<i>teftimunhas</i> (1489 MA 130;	
	<i>teftemuyo</i> (1324 Alc 18);	1490 MA 131).	
	<i>teftemuña</i> (1336 Alj 26, 2 v.);		
	<i>teftemuñas</i> (1336 Alj 26, 2 v.;		
	1352 Ped 38);	<i>teftemũho</i>	
	(1326 MA 19, 3 v.;	1328 Alv	
	20; 1328 Alj 21; 1329 Evo 22;		
	1330 Tur 23; 1334 Alf 25;		
	1336 Alj 26, 6 v.;	1338 Alv 28;	
	1343 AM 31; 1346 SC 34;		
	1346 Tur 35, 2 v.;	1350 AM	
	36; 1353 Vid 39; 1355 Cel 40;		
	1386 MA 56; 1388 MA 58);		
	<i>teftemuiho</i> (1342 Alf 30);		
	<i>teftemũho</i> (1379 Alc 51);		
	<i>teftemunho</i> (1304 Alc 10, 2 v.;		
	1321 Alc 17; 1328 Alv 20, 2 v.;		
	1345 MA 33; 1346 Tur 35, 3		
	v.;	1353 Vid 39; 1356 MA 41;	
	1359 MA 42; 1362 MA 43;		
	1375 MA 48)		

Vemos, portanto, que, na amostra selecionada para *corpus*, a última forma a apresentar a vogal não inflexionada data de 1363, cerca de um século antes das que foram encontradas, nas mesmas circunstâncias, na coleção publicada por [Maia 1997²](#) (*teftimoyo*, 1475 L 48 e *teftemono*, 1442 L 43). Por outro lado, o fechamento do timbre da vogal da sílaba tónica por influência de [j] (ou de [ɲ], se aceitarmos que o til é a abreviatura da nasal palatal) remonta, também no nosso *corpus*, a finais do século XIII²⁶ : *eftemuço* (1291 Alc 2), *teftemũho* (1291 Alc 3) e *teftemũyo* (1299 Alc 7).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. A metafonia e a inflexão vocálica em contexto ibérico

Para além dos condicionamentos fonológicos, prosódicos e segmentais que facilitaram a articulação, na explicação da motivação das principais mudanças no vocalismo tónico de natureza assimilatória que se verificam nos documentos da zona galego-portuguesa e do Centro-litoral português, os fatores socioculturais e estilísticos, repercutidos depois na maior ou menor consciência do escriba perante a relação entre o oral e o escrito, parecem ser mais importantes do que o fator diatópico. Quando o elemento que exerce o fechamento se encontra em final de palavra, as mudanças não se repercutem de forma tão célere na língua escrita, embora seja evidente que a tendência para o menor esforço articulatorio que esta harmonização revela esteve sempre presente na língua oral dos tabeliães medievais.

O que os nossos dados vêm mostrar é que as mudanças não se verificaram nos mesmos itens lexicais do espaço galego-português e muito menos ao mesmo ritmo. Assim, por exemplo, *isto* surge já nos textos do século XIII, mas *tudo* deveria ser estigmatizada na língua escrita dos tabeliães, pois só em finais do século XIV aflora, e apenas já no final (exterior) do documento. Viria a vingar na norma culta portuguesa (subsistindo em algumas variedades do asturiano), mas não no galego comum nem no castelhano, que se revelaram mais puristas. Também no subsistema pronominal (*esto-effo-aquelo*), *effo* (deítico anafórico geralmente ocorrendo no conector *effo medes/effo meesmo*) é bastante mais vulnerável à inovação do que *esto*, o que demonstra que o *contexto* discursivo, nomeadamente o de deixis discursiva (neste caso, retoma anafórica), deverá ser considerado no processo de mudança. Esta parece-nos ser uma implicação teórica importante na explicação do processo histórico da difusão de alguns casos de metafonia.

3.2. Pistas para futuras investigações

Referindo-se à metafonia na Galiza, [Ralph Penny \(2009:121\)](#) refere que

It is lexically restricted, in the sense that only a small number of the eligible nouns and adjectives (those with final /-o/) are affected, while others (which share the same historical vowel-structure as the latter) are unaffected. There appears to be no semantic motivation for this disparity of outcomes. Nor do the words affected by metaphony in Portuguese correspond with those similarly affected in Galician.

²⁶ Não se incluem as formas que resultaram do desdobramento de abreviaturas. Importa referir que o til sobre o *u* ou sobre o *h* deixa de se verificar a partir de 1408, o que leva a crer que se trata de um verdadeiro sinal de nasalidade e não de abreviatura.

Tendo em conta os dados relativos à análise do nosso *corpus*, parece pertinente recordar a conclusão de [Isabel Santos \(2015: 139\)](#) relativamente à questão da alternância vocálica como mecanismo morfofonológico motivado pela metafonia:

Se historicamente, se apreende uma mudança que incide sobre a unidade sonora, a observação da sua difusão sugere que, ao contrário do postulado pelos neogramáticos, essa transformação não afeta de modo abrupto todo o léxico onde se reúnem as condições necessárias. Pelo contrário, parece ser condicionada por *características semânticas, socioculturais, pragmáticas dos itens lexicais*.

Na [Tabela 13](#) apresenta-se a cronologia das primeiras ocorrências inovadoras, com fechamento de vogal tónica motivada por metafonia e inflexão vocálica, o comportamento das mesmas formas ao longo dos séculos XIII a XVI, bem como a forma atual correspondente, nas atuais línguas ibero-românicas - o português, o galego, o asturiano e o castelhano.

Tabela 13. Alguns casos de metafonia e inflexão vocálica, no nosso corpus, e comparação com os atuais resultados em português, galego, asturiano e castelhano

	FORMA PORTUGUESA MEDIEVAL	DATA DA INOVAÇÃO	PORTUGUÊS ATUAL	GALEGO ATUAL	ASTURIANO ATUAL	CASTELHANO ATUAL
METAFONIA	<i>yfto</i>	1291 Alc 2	<i>isto</i>	<i>isto ~ esto</i> ²⁷	<i>esto</i> ²⁸	<i>esto</i>
	<i>ijfo medes</i>	1444 Alv 100	<i>isso</i>	<i>iso ~ eso</i> ²⁹	<i>eso</i> ³⁰	<i>eso</i>
	<i>tudo</i>	1375 MA 48	<i>tudo</i>	<i>todo</i>	<i>todu / toda; tou ~ todú ~ tudu</i> ³¹	<i>todo</i>
	<i>fui</i> (1. ^a p. P.P)	Variação <i>foy ~ fuy</i>	<i>fui</i> ³²	<i>fun</i>	<i>fui</i> ³³	<i>fui</i>
INFLEXÃO VOCÁLICA	<i>muitos</i>	1289 MA 1	<i>muitos</i>	<i>moito</i> ³⁴ ~ <i>muito</i>	<i>Munchu</i> ~ <i>muitu</i> ³⁵ ~	<i>mucho</i>

²⁷ A forma standard é *isto*, ainda que *esto* tenha grande presença em variedades diatópicas. A propósito dos paradigmas das variantes fonéticas dos demonstrativos no galego e da sua localização geográfica, consulte-se [Fernández Rei \(1990: 69-73\)](#). Nos *Índices do Atlas Lingüístico Galego* ([Sousa Fernández 2022](#)), surgem 6 formas associadas a *esto* (4 mapas) e 5 a *isto* (3 mapas).

²⁸ A forma *isto*, com metafonia, existe também (no paradigma *isti, ista, isto*) em certas variedades do asturiano, nomeadamente em Teberga ([García Arias 2002-2004](#)).

²⁹ A forma standard é *iso*, ainda que *eso* tenha grande presença em variedades diatópicas ([Fernández Rei 1990: 69-73](#)). No *Atlas Lingüístico Galego* ([Sousa Fernández 2022](#)), surgem 8 formas associadas a *iso* (4 mapas) e 2 formas associadas a *eso* (2 mapas).

³⁰ A forma *isu*, com metafonia, existe também (no paradigma *isi, isa, isu*) em certas variedades do asturiano, nomeadamente em Teberga ([García Arias 2002-2004](#)).

³¹ Ver o que foi dito anteriormente, no parágrafo 2.1.2, sobre metafonia de *-u* final sobre */o/*.

³² Veja-se o que se disse sobre este tipo de variação, no parágrafo 2.1.3.

³³ Tal como aconteceu no português, também o asturiano medieval conheceu a variante *foi* ([García Arias 2003: 64](#)).

³⁴ A forma standard é *moito*, embora *muito* tenha grande presença em variedades diatópicas. A propósito da evolução do grupo latino *-ŪLT* (e outros), consulte-se [Fernández Rei \(1990: 48-51\)](#). Veja-se a distribuição de *-uit-* e *-oit-* no mapa (elaborado por Zamora Vicente) reproduzido na página 49 da obra citada.

³⁵ Variante que caracteriza muitas zonas das Astúrias ocidentais: Somiedu, Babia e Llaciana, Palacios del Sil, Cangas del Narcea, Allanda, Valdés, Zona Navia-Eo, Mántaras, etc.

FORMA PORTUGUESA MEDIEVAL	DATA DA INOVAÇÃO	PORTUGUÊS ATUAL	GALEGO ATUAL	ASTURIANO ATUAL	CASTELHANO ATUAL
				<i>mutsu</i> ³⁶ ~ <i>muchu</i> ³⁷	
<i>dyuidas</i>	1383 Alj 53	<i>dívida</i>	<i>débeda</i>	<i>débeda</i> ³⁸	<i>deuda</i>
<i>duuyda</i>	1375 MA 49	<i>dúvida</i>	<i>dúbida</i>	<i>dulda</i> ³⁹	<i>duda</i>
<i>dizim[os]</i>	1379 Alc 51	<i>dízimo,-a</i> ~ <i>décimo,-a</i> ⁴⁰	<i>décimo</i>	<i>diezmu</i> / <i>dezmu</i> ⁴¹	<i>diezmo</i>
<i>adubio</i>	Varição <i>adobio</i> ~ <i>adubio</i>	<i>adubo</i> ~ <i>adobe</i> ⁴²	<i>adobío</i> ~ <i>adubío</i> ⁴³ ; <i>adobo</i> ~ <i>adubo</i>	<i>adobu</i> ⁴⁴ ~ <i>adobo</i> ⁴⁵ ; <i>adubu</i> ⁴⁶ ; <i>adobi</i> ⁴⁷	<i>adobio</i> ~ <i>adobo</i> ⁴⁸
<i>mĩngua(da)</i>	1297 Alc 5	<i>mingua</i>	<i>mingua</i> ⁴⁹ ~ <i>mengua</i>	<i>mengua</i> ⁵⁰	<i>mengua</i> ⁵¹
<i>afundo</i>	Varição	<i>afundo</i> (adv.);	<i>fondo</i>	<i>fondu</i> (subst. e	<i>fondo</i> ⁵³ (subst.)

³⁷ Variante que se encontra em Llena, Teberga, Pravia (zona central) e nas Astúrias Orientais (Llanes e Cabrales, por exemplo).

³⁶ Variante que se encontra em algumas localidades da zona central das Astúrias: Quirós, Teberga e Miranda.

³⁸ Zona Navia-Eo; em A Estierna encontra-se a variante *débuda*, e *deuda* é referida por Junquera Huergo (García Arias 2002-2004).

³⁹ No asturiano atual existem ainda as variantes *duda* (Teberga) e *dúa* (Ayer). A variante *dubia* é referida por Apolinar de Rato y Hevia e por Constantino Cabal, e *dúbida* é também mencionada por Apolinar de Rato y Hevia, de acordo com García Arias (2002-2004).

⁴⁰ Em virtude das mudanças económico-sociais e culturais, refletidas nas relações de poder no mundo rural, está a cair em desuso o pagamento deste tributo ou imposto ('décima parte de um rendimento'; 'contribuição que a Igreja Católica exigia aos fiéis, e que consistia na décima parte dos frutos que colhia'; 'antigo imposto de pescado cobrado pela Guarda Fiscal'), pelo que desaparecem também com elas as formas *décima* e *dízimo,-a*, permanecendo na língua standard apenas a forma *décimo,-a*, como numeral ordinal.

⁴¹ Variante galego-asturiana, de acordo com Junquera Huergo (García Arias 2002-2004).

⁴² Ver o que se disse no parágrafo 2.2.3, na sequência da Tabela 9, a propósito desta forma em português.

⁴³ Ver o que se disse no parágrafo 2.2.3., na sequência da Tabela 9, a propósito desta forma em galego.

⁴⁴ Também existem as variantes *adobar* e *dobar*, no asturiano. O leque de significados é mais amplo do que em castelhano, galego e português (para além dos habituais, significa igualmente: 'condimentar', 'arreglar los caminos', 'adornar lo que se dice', 'hacer la pelota', 'adular', 'reparar las redes', etc.).

⁴⁵ Variante das Astúrias Central.

⁴⁶ Variante com inflexão vocálica (Ayer; Llangréu; Sobrescobiu; Llena).

⁴⁷ Variante de Cabrales.

⁴⁸ Veja-se o que se disse no parágrafo 2.2.3, na sequência da Tabela 9, a propósito desta forma, no castelhano.

⁴⁹ A forma standard é *mingua*, mas existe *mengua* em diferentes variedades. Veja-se o que se disse no parágrafo 2.2.4, na sequência da Tabela 10, a propósito destas variantes no galego.

⁵⁰ De acordo com García Arias (2002-2004), é possível encontrar a variante *mingua* em Junquera Huergo e Apolinar de Rato y Hevia. García Arias refere, na sua *Gramática Histórica*, a variação *menguar* - *minguar*, a propósito da evolução de MĪNUĀRE, com reforço consonântico de velar (2003: 115).

FORMA PORTUGUESA MEDIEVAL	DATA DA INOVAÇÃO	PORTUGUÊS ATUAL	GALEGO ATUAL	ASTURIANO ATUAL	CASTELHANO ATUAL
	<i>afondo</i> ~ <i>afundo</i>	<i>fundo</i> (subst./adj.)		adj.) ⁵²	/ <i>hondo</i> (adj.)
<i>eftemujo</i> ; <i>testemunhas</i>	1291 Alc 2 / 1304 Alc 10	<i>testemu-nho</i>	<i>testemuño</i>	<i>testimoñu</i> [54]	testimonio

A observação da evolução do comportamento da vogal tónica nos itens lexicais em apreço vem demonstrar que o português parece ter sido, neste aspeto, mais inovador do que o castelhano, mas só aparentemente o é relativamente ao galego e ao asturiano, que oferecem, em grande parte dos casos, em algumas das suas variedades diatópicas, diacrónicas e estilísticas, as mesmas soluções que vieram a integrar a norma culta portuguesa. No caso dos paradigmas dos pronomes demonstrativos, o facto de *esso* ter sido mais célere na evolução do que *esto* ter-se-á devido ao facto de naquela forma pronominal haver apenas a separar as duas vogais um fonema fricativo alveolar, ao passo que em *esto*, a vogal tónica é entreada por fonema fricativo, mas a vogal final pertence a uma sílaba iniciada por fonema oclusivo. Por outro lado, na tradição dos textos notariais medievais, de que o nosso *corpus* é apenas um exemplo, a forma *esso* vem, normalmente, inserida numa expressão deíctica de retoma discursiva (“*jssso meesmo*”), o que aproxima o texto que está a ser produzido pelo *eu* da enunciação daquele texto que já foi dito e para cuja memória se convoca o ouvinte/leitor (*jssso* aponta para um referente que já estará na posse/memória de quem ouve). Por outro lado, parece haver necessidade de tornar clara, do ponto de vista comunicacional, a distinção entre uma forma já existente na língua (a forma de masculino *esse*) de uma outra (*isso*), agora promovida à existência. Essa distinção é mais nítida com alteração de timbre da vogal da sílaba tónica do que apenas pela diferente natureza da vogal final, cuja alternância entre *-o* e *-e* era frequente, ao longo da elaboração das línguas ibéricas.

A existência de um fonema oclusivo a separar a vogal que exerce a inflexão daquela que é afetada também parece ser um condicionamento importante nos fenómenos sob análise. A oclusiva bilabial sonora /b/ exerce, no entanto, maior obstáculo ao fechamento quando separa os dois elementos vocálicos palatais em palavras proparoxítonas do que em palavras em que o elemento que exerce inflexão é uma semivogal: *debita* e *adobio*, por exemplo, não apresentaram a mesma tolerância à harmonização nos diferentes espaços ibero-românicos. No português a necessidade de distinguir semanticamente *adobo/-e* de *adubo* (e de resolver, portanto, a homonímia) poderá ter sido mais um fator que condicionou o fechamento da vogal. Em outros espaços da Ibéria, a semivogal (que, em muitos casos, veio a desaparecer) revelou-se mais influente do que a vogal palatal em contexto proparoxítono. No entanto, também neste contexto, em *decimo* (com fonema tornado fricativo no português medieval) o português apresenta atualmente duas soluções, tendo ambas as formas (inflexionada e etimológica) sofrido um processo de conversão heterocategorial: “pagar o *dízimo*/ a *dízima*” ou “pagar a *décima*” (consoante as regiões), sendo que se preserva a forma etimológica como numeral ordinal. No entanto, no galego, a mesma resistência parece ter sido oferecida nas formas *debita* e *dezimo*, embora seja diferente o fonema consonântico que separa as duas

⁵¹ Veja-se o que se disse no parágrafo 2.2.4, na sequência da [Tabela 10](#), a propósito desta forma, no castelhano.

⁵² O substantivo *fondo* também conhece a variante *fundo*, em Ayer. Por outro lado, a existência de frases feitas com a variante *fundo* atesta a existência de inflexão vocálica em épocas pretéritas do asturiano: “*platu fundu*” ‘prato sopeiro’; “*Estar fundu*” ‘ter muito apetite’.

⁵³ Veja-se o que se disse no parágrafo 2.2.5, na sequência da [Tabela 11](#).

vogais. Já em DŮBĪTA- > *dúbida*, a inflexão generalizou-se nas línguas ibéricas, independentemente dos resultados. Assim, parece-nos que a natureza das vogais tónicas bem como a estrutura prosódica (*dúbida* / *débeda* / *adob(i)o* ~ *adub(i)o*) terão sido condicionamentos importantes no processo de harmonização vocálica. Provavelmente, a ditongação verificada no espanhol poderá ter sido a solução, favorecida pelo fonema fricativo (*diezmo*, por exemplo), eventualmente por não haver aí uma distinção entre vogais anteriores médias. Em espaço ibérico diferente do português, um contexto fónico que parece ter oferecido bastante resistência ao fechamento da vogal foi aquele em que a vogal se situa numa sílaba entravada por nasal (*fondo*)⁵⁵, mas, também aqui, o fechamento da vogal em palavras derivadas (*profundo*) obriga a ponderar o papel da estrutura silábica neste processo.

O contexto mais propício à inflexão vocálica (excetuando na língua galega) é, eventualmente, aquele em que a vogal é influenciada pela semivogal contígua, em ditongo decrescente: *oi* > *ui*, por exemplo⁵⁶.

Neste artigo pretendeu-se, com atestações documentais oriundas da zona Centro-litoral portuguesa, projetar alguma luz sobre a explicação do rumo e do ritmo da mudança fónica. Alerta-se para a importância da existência de um *continuum* na sua difusão lexical nas línguas ibero-românicas, acentuando a importância de fatores não apenas fonológicos, segmentais e prosódicos, mas também semântico-lexicais, contextuais e discursivos, nesse processo de difusão. Mas se é certo que os fatores que levaram ao fechamento do timbre da vogal tónica (que ditariam uma evolução linguística mais ou menos natural) foram simultaneamente intra e extra-sistémicos, a verdade é que acabaram por depender da autoridade do homem sobre a elaboração dos idiomas.

Agradecimentos

Agradeço à equipa editorial de *Estudos de Lingüística Galega* bem como aos/às pareceristas anónimos/-as que tiveram a seu cargo a avaliação científica deste artigo, pelas pertinentes e generosas correções, sugestões e achegas que lhe fizeram. Gostaria de expressar também a minha gratidão à Senhora Professora Doutora Clarinda de Azevedo Maia, pela gentil ajuda bibliográfica recebida, fundamental para o entendimento das matérias em análise. Qualquer erro, lapso ou imprecisão que eventualmente subsistam são da minha inteira responsabilidade.

Referências bibliográficas

Alonso, Dámaso. 1962. Temas y problemas de la fragmentación fonética peninsular. Em Manuel Alvar, Antoni Badia, Rafael de Balbín, Luis Filipe Lindley Cintra (dirs.), *Enciclopedia Lingüística Hispánica*. Tomo I (suplemento). 15-292. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

⁵⁵ É possivelmente a mesma necessidade de resolver casos de homonímia que explica a existência de *fundo* nos textos da América latina, em espanhol.

⁵⁶ A este propósito, é interessante mencionar que as formas *moito* e *fun* parecem ser específicas da língua galega, aquela refletindo eventualmente um estado de ancestralidade não partilhada com as demais línguas ibéricas analisadas, esta última apresentando um resultado com uma configuração inovadora única nas línguas da Península.

- Álvarez Blanco, Rosario. 1988. Consideracións sobre a metafonía nominal galega. Em Dieter Kremer (ed.), *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85.º aniversário*. 141-158. Tübingen: Niemeyer.
- Ariza Viguera, Manuel. 1989. *Manual de Fonología Histórica del Español*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Barbato, Marcello. 2019. Metafonía, palatalización y monoptongación en iberorromance primitivo. *Revue de Linguistique Romane*, 329-330 (janv-juin 2019), 5-21.
- Carvalho, Maria José. 2006. *Documentação medieval do mosteiro de Santa Maria de Alcobaca (sécs. XIII-XVI). Edição e estudo linguístico*. Dissertação de doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Carvalho, Maria José. 2015. Sobre as origens de /u/ átono em português europeu contemporâneo: variação, mudança e dimensões sociocognitivas. *Diacrítica. Série Ciências da Linguagem* 29, 271-202. https://revistas.udc.es/index.php/rgf/article/view/rgf.2015.16.0.1378/g1378_pdf [Dezembro de 2022].
- Carvalho, Maria José. 2017. *Documentação medieval do mosteiro de Santa Maria de Alcobaca. Edição, com introdução e notas de aparato crítico*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. <https://www.usc.gal/libros/gl/lingstica/249-documentacao-medieval-do-mosteiro-de-santa-maria-de-alcobaca-documentacao-medieval-do-mosteiro-de-santa-maria-de-alcobaca.html> [Junho de 2022].
- Carvalho, Maria José. 2019. Tópicos de periodização na história da língua portuguesa. *Revista Galega de Filoloxía* 20, 35-65. https://revistas.udc.es/index.php/rgf/article/view/rgf.2019.20.0.5916/g5916_pdf [10/12/2022].
- Carvalho, Maria José. 2022. Algumas alterações do vocalismo tónico na história do português. Em *XXX Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románicas (4 al 9 de julio 2022). Romanística y Atlantidade. Libro de Resúmenes*, 26-27. La Laguna: Universidad de La Laguna. <https://eventos.ull.es/congreso-internacional-de-linguistica-y-filologia-romanicas/libro-de-resumenes> [07/12/2022].
- Cavacas, Augusto d' Almeida. 1921. *A língua portuguesa e a sua metafonía*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Fernández Rei, Francisco. 1990. *Dialectoloxía da lingua galega*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- García Arias, Xosé Lluís. 2003. *Gramática Histórica de la lengua asturiana*. Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana.
- García Arias, Xosé Lluís. 2002-2004. *Diccionario General de la Lengua Asturiana*. <https://mas.lne.es/diccionario/p/introduccion> [06/12/2022].
- González González, Manuel (dir.) (s. d.). *Dicionario da Real Academia Galega*. A Coruña: Real Academia Galega. <https://academia.gal/diccionario> [03/12/2022].
- Lorenzo, Ramón. 1977. *La traducción gallega de la Crónica general y de la Crónica de Castilla. Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario*. 2 vols. Ourense: Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijoo".

- Maia, Clarinda de Azevedo. 1997². *História do Galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Lisboa: JNICT e FCG. https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/42474/3/Historia_do_Galego.preview.pdf
- Mariño Paz, Ramón. 2017. *Fonética e Fonoloxía históricas da lingua galega*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia [19/07/2023].
- Mettmann, Walter (ed.). 1972. *Afonso X, Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, vol. IV (Glossário).
- Penny, Ralph. 2009. Vowel Harmony and Metaphony in Iberia: A Revised Analysis. *Estudos de Lingüística Galega* 1, 113-124. <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/1480> [Junho de 2022].
- Piel, Joseph. 1942. Considerações sobre a metafonia portuguesa. *Biblos* 18, 365-371.
- Piel, Joseph. 1944. A flexão verbal do Português (estudo de morfologia histórica). *Biblos* 20, 359-404. <https://pt.scribd.com/document/281414319/A-Flexao-Verbal-Do-Portugues-Morfologia-Historica-Joseph-M-Piel-28pags> [06/02/2022].
- Real Academia Española. 2013. *Corpus del Diccionario histórico de la lengua española (DHLE)* [em linha]. <https://apps.rae.es/CNDHE> [04/12/2022].
- Sánchez Miret, Fernando. 2013. Metafonía y diptongación en la Romania. Em Cesáreo Calvo Rigual & Emili Casanova (eds.), *Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y de Filología Románicas*, 317-348. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Santamarina, Antón (dir.) / Ernesto González Seoane / María Álvarez de la Granja. 2018-2020. *Tesouro informatizado da lingua galega (TILG) (Versión 4.1)*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.gal/TILG> [11/12/2022].
- Santos, Isabel. 2015. Rumos e ritmos da mudança linguística: alternância vocálica e flexão de número em Português. *Estudos de Lingüística Galega* 7, 125-141. <https://dx.doi.org/10.15304/elg.7.2219> [06/02/2022].
- Silva, António de Morais. 1992. *Novo dicionário compacto da Língua Portuguesa. Edição compacta do texto fundamental do "Grande Dicionário da Língua Portuguesa". Segundo a 10.ª edição revista, muito aumentada e actualizada conforme as regras do acordo ortográfico Luso-Brasileiro de 10 de agosto de 1945, por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, aliviada de Etimologia, formas verbais e abonações, constituindo o maior repertório de vocábulos da língua falada e escrita em Portugal e no Brasil*. Lisboa: Editorial Confluência.
- Sousa Fernández, Xulio. 2022. *Índices do Atlas Lingüístico Galego*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.gal/indices/> [04/12/2022].
- Vasconcelos, José Leite de. 1987. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3.ª edição por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa: INIC/CLUL.